

## Apresentação

Aquilo que era tido antes como trabalho intelectual transformou-se em modo de produção. O ensaio – por mais que ainda seja reivindicado – deu lugar ao *paper*; o congresso apaga-se diante do certificado; a cerveja ou o café são funcionalizados em *networking*. A consolidação da noção de carreira e o correspondente desaparecimento da ideia de vocação trazem como consequência natural uma representação da atividade acadêmica como algo iminentemente individual. No entanto, nada poderia ser mais distante da realidade: não existe escrita sem a projeção de um leitor; não existe aula sem aluno, palestra sem público, artigo sem parecerista, tese sem banca. Mesmo aquilo que escrevemos, por mais que acreditemos imbuído de uma originalidade sem par, é resultado da digestão de textos diversos, compostos por autores que eles mesmos alimentaram-se de outros tantos. A vida do espírito é coletiva e somente por meio da constituição de comunidades pode ser levada adiante. Para muitos, isso é um mal necessário, algo a ser tolerado, para outros, o ar que respiram. O presente número dos *Cadernos Benjaminianos* é uma homenagem a uma pessoa deste último tipo. Jeanne Marie Gagnebin não foi apenas uma das introdutoras de Walter Benjamin no Brasil, umas de suas leitoras mais rigorosas; foi, além disso, uma professora notável, que formou dezenas de pesquisadores (na Unicamp, ouvi um aluno dizer que suas disciplinas deveriam se chamar “Pós-Graduação 101”). Os ensaios aqui apresentados, todos eles escritos por autores reconhecidos, são uma demonstração de gratidão a alguém cuja contribuição intelectual se deu tanto no plano das ideias – Benjamin, Adorno, Ricoeur e Proust não seriam os mesmos no Brasil sem Gagnebin – quanto no da formação de pesquisadores. Talvez não haja forma melhor de agradecimento para um pensador do que levar adiante o pensamento, que no caso de Jeanne Marie sempre soube não ser só seu.

Jeanne Marie Gagnebin possui em comum com Walter Benjamin o transitar por fronteiras do conhecimento. O estabelecimento de barreiras nas áreas do conhecimento que desconhece a necessidade do diálogo interdisciplinar pode servir a diferentes propósitos. Benjamin elogiava a atitude de um escritor como André Gide por exercer um diálogo aberto com diferentes culturas, dispondo-se à difícil tarefa da tradução e a uma função política e literária que o fez angariar muitas inimizades. Contra seus adversários, Benjamin escrevia, organizando uma defesa contra as frentes nacionalistas do meio literário francês. Cruzar as fronteiras, romper com o bairrismo, exercer a crítica pisando em terrenos diversos do conhecimento, formou o perfil e a recepção do filósofo Walter Benjamin também no Brasil. O estudo de seus ensaios permitiu às diferentes ciências um filosofar sobre si mesmas. Nesta recepção, Jeanne Marie é o próprio exemplo deste transitar. Um transitar ciente de certos obstáculos, como a imposição de alguém que marca seu terreno, levanta barreiras e diz: “por aqui Walter Benjamin não passará!”. É preciso dizer que, infelizmente, a filosofia se presta a este papel e na definição do que é ou não filosófico ela termina por encerrar a possibilidade de se pensar sobre outras áreas e estas de pensar filosoficamente. Por outro lado, a urgência das áreas do conhecimento que supõem uma discussão mais efervescente sobre métodos de pesquisa, sobre possibilidades de tradução (traduzibilidade), sobre métodos de educação, e a discussão sobre o que é arte e crítica de arte, cria alguns problemas para a recepção de um autor cuja escrita é de difícil tradução e compreensão. O

trabalho meticuloso desenvolvido por Jeanne Marie nestes anos de recepção de Benjamin revelou ser necessário neste trânsito entre áreas vorazes na adoção dos princípios filosóficos que guiaram as reflexões de Benjamin em seus interesses diversos. Alguns dos artigos presentes nesta homenagem ressaltam este cuidado, necessário e valioso, capaz de auxiliar os leitores nas diferentes fases da recepção do pensamento de Benjamin. Outros ressaltam a importância da elucidação de palavras, conceitos, para o entendimento das próprias traduções de outros autores como Ricoeur, Proust, e mesmo, Agamben.

As contribuições a seguir se dividem em depoimentos pessoais, que não seguem a forma acadêmica, nem o padrão formal dos *Cadernos Benjaminianos*, e artigos que, de uma maneira ou outra, se relacionam com a obra da homenageada – ou seu “mentor espiritual”, Walter Benjamin. Citando Peter Szondi no prefácio das *Obras escolhidas* (Vol. I) de Benjamin, Jeanne Marie Gagnebin fala da “dependência de drogado” que teria ameaçado o filósofo devido ao seu contato ininterrupto com Proust ao traduzir partes da *Recherche*. Por mais que tenha ampliado o leque dos seus autores, temos certeza de que, Jeanne Marie Gagnebin também, nunca se livrou desse vício chamado Walter Benjamin.

Carla Damião  
Ernani Chavez  
Fabio Durão  
Georg Otte